

POESIA, MEMÓRIA E ARQUIVO

Carlos Drummond de Andrade

O dossiê temático que apresentamos nesta edição de número 28 do *Boletim de Pesquisa NELIC* reúne uma seleção de trabalhos apresentados no evento *Poesia, memória e arquivo: Carlos Drummond de Andrade*, realizado entre os dias 30/10 a 01/11/2017 e organizado pelo Núcleo de Estudos Literários & Culturais – NELIC, com apoio do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Em 31 de outubro de 1902, em Itabira do Mato Dentro, nas Minas Gerais, nascia Carlos Drummond de Andrade, o poeta que acompanha o século XX, como já nos lembrou Silviano Santiago. Falecido no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1987, Drummond nos deixou, em verso e prosa, uma riquíssima visão do mundo e de nós mesmos. Foi em comemoração aos 115 anos de nascimento – lembrando também os 30 anos de ausência do poeta –, que idealizamos o colóquio, de âmbito nacional, com o objetivo de apontar, de algum modo, para outros diálogos, encontros e leituras possíveis de sua obra.

Movimento, mudança, memória, dualidade, ambiguidade e enigma se impõem para nós, leitores, como diferentes modos de atravessar a poesia de Drummond, nas reflexões de Sandro Adriano da Silva, Rodrigo Brasil, Mariane Pereira Rocha e Aulus Martins, Júlia Schutz, Joaquín Corrêa, Iran Silveira, George França, Filipe Manzoni e Fernanda Ferrari. Procuramos, assim, nesse gesto de poesia e de crítica, figurar um olhar atento para o mundo e para o tempo presente, um gesto que se assemelha ao do verso drummondiano, quando se abre ao mundo de forma livre – a imagem da flor feia e desbotada que rompe o asfalto, o nojo e o tédio, em “A flor a e náusea” –, colocando-nos diante de algum consolo, talvez, ou de um sorriso desenganado, algo entre a dor e a alegria, como Paulo Rónai definiu a sutileza aguda de Drummond. E é para esse lugar incerto do verso de Drummond que as leituras aqui reunidas apontam – lugar próprio da poesia, que está em nosso tempo e em todos os tempos.

Esperamos, ainda, com este dossiê, fazer ecoar, mais uma vez e de um modo renovado e muito atual, as palavras de Paulo Rónai, quando, em 1943, nos indicava a busca e a provocação permanentes da poesia de Drummond:

[...] a arte desse poeta é a arte de nossa época, cujas crises e ânsias exprimem com inegável grandeza. [...] Muito tempo depois de nós, pesquisadores de documentos e beleza não de estudá-la, sumamente interessados em encontrar nela as reações de uma consciência pura à crise mais profunda que já sacudiu a humanidade.

Maria Lucia de Barros Camargo
Laíse Ribas Bastos